

# A metapsicologia freudiana: uma leitura heideggeriana<sup>1</sup>

Vitor Duarte Ferreira<sup>2</sup>

Caroline Vasconcelos Ribeiro<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente trabalho procura examinar a metapsicologia a partir da crítica que o filósofo Martin Heidegger, na obra *Seminários de Zollikon*, dirigiu à psicanálise de Freud. Para Heidegger, a metapsicologia freudiana foi construída sob influência dos procedimentos das ciências naturais e da filosofia neokantiana. Apesar de categórica, esta afirmação não é exaustivamente examinada na referida obra, que é composta por atas das aulas proferidas por Heidegger, diálogos e cartas trocadas com o psiquiatra suíço Medard Boss. Nosso objetivo nesse artigo consiste em examinar este posicionamento heideggeriano e buscar seus fundamentos, já que se trata de um posicionamento diferente de muitos comentadores da psicanálise.

**Palavras-chave:** Freud; Heidegger; Metapsicologia

## Freud's metapsychology: a Heideggerian reading

**Abstract:** This text intends to examine metapsychology by the criticism that the philosopher Martin Heidegger expressed on Freud's psychoanalysis in his work *Seminars of Zollikon*. According to Heidegger, Freudian metapsychology has been constructed under the influence of the procedures of the natural sciences and neo-Kantian philosophy. Besides being categorical, this determination is not ultimately examined in this work, which is composed by the minutes of Heidegger's lessons, dialogues and letters exchanged with the Swiss psychiatrist Medard Boss. Our objective in this article consists in examining this Heideggerian positioning and looking for its foundations, once it is a positioning that differs from many commentators of the psychoanalysis.

**Key-Words:** Freud, Heidegger, Metapsychology

---

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto de uma pesquisa cujo fomento foi do CNPQ

<sup>2</sup> Mestre em filosofia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do grupo de pesquisa Ética e psicologia moral na Filosofia Antiga, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente dos programas de graduação e pós-graduação da Faculdade Católica de Feira de Santana (FACFS) e da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: ferreira.vitorduarte@gmail.com

<sup>3</sup> Doutora em Filosofia pela UNICAMP. Professora Titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Coordenadora do Grupo de Estudos em Filosofia e Psicanálise (UEFS). Email: carolinevasconcelos@hotmail.com

Na obra *Seminários de Zollikon* (2009) encontramos as atas dos seminários proferidos por Heidegger a um público de psiquiatras suíços. Em suas preleções, o filósofo alemão abordou as ciências dos fenômenos psíquicos numa perspectiva ontológica, ou seja, a partir da pergunta sobre as heranças filosóficas que subjazem à maneira como se pensa a doença e a saúde psíquica. Em muitos seminários Heidegger criticou o processo de objetificação do real operado pela metafísica moderna, bem como a imposição do modelo procedimental das ciências naturais como modo privilegiado de acesso aos entes.<sup>4</sup>

Para o filósofo em comento, muitas ciências que abordam os fenômenos psíquicos funcionam na esteira das ciências da natureza, que dizer, pagam tributo às pretensões de objetividade destas ciências. Segundo Heidegger, as ciências naturais foram erguidas sobre o solo ontológico da dicotomia Sujeito-Objeto instituída na modernidade. Nessa perspectiva, o sujeito é visto como aquele que, mediante regras claras e distintas, deve comportar-se como o “mestre e possuidor da natureza” e o real, por sua vez, é visto como um conjunto de objetos disponíveis para domesticação e cálculo.<sup>5</sup> O tipo de objetividade produzido pela “eficácia pilotada” das ciências natureza, ao olhar heideggeriano, se faz presente em muitas ciências do campo “psi”, dentre elas, a psicanálise freudiana. Para Heidegger, Freud teria operado uma naturalização do homem ao servir-se de conceitos como aparelho psíquico, pulsão (força), descarga de energia, dentre outros. Ao detectar o quanto Freud se serve de uma semântica inspirada na física e em outras ciências duras, Heidegger nos fez refletir sobre a presença de uma pretensão de objetividade típica das ciências naturais, na psicanálise freudiana. Nesse sentido, o filósofo questionou até que ponto Freud realmente teria operado uma ruptura em relação aos imperativos da modernidade.

Na esteira das colocações de Heidegger, nos perguntamos neste artigo: será que Freud, ao postular conceitos como inconsciente, ao tornar os sonhos como objeto de análise, realmente realizou uma ferida narcísica nas pretensões de objetividade típicas da modernidade? Será que o seu projeto de elucidação do funcionamento da máquina psíquica seria realmente algo afinado ao perfil epistemológico das ciências que domesticam os entes a partir de uma explicabilidade objetificante ou se aproximaria das ciências que visam compreender os fenômenos a partir do seu mostra-se? Freud explica ou compreende os fenômenos

---

<sup>4</sup> O processo de objetificação (*Vergegenständlichung*) dos entes ou do real consiste em fazer de qualquer coisa objeto, subordinar o advento da totalidade dos entes ao domínio objetivo. Nessa perspectiva, nada pode advir, vir à luz que não seja determinado como tal. O cientista moderno opera e intervém sobre o que já está antecipadamente decidido como realidade: o domínio dos objetos. Cf.: Heidegger, 2009, p.135 e 136 e Ribeiro, 2008

<sup>5</sup> Aqui nos referimos à sexta parte do *Discurso do Método* na qual Descartes afirma que “(...) conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos outros corpos que nos cercam, tão claramente como conhecemos os vários ofícios de nossos artífices, poderíamos utilizá-los da mesma forma em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como senhores e possuidores da natureza” DESCARTES, 1963, p.63.

psíquicos?<sup>6</sup> Ora, se Freud trabalha com interpretação dos sentidos dos sonhos e dos sintomas, como sustentar o posicionamento de Heidegger em relação a uma afinidade epistemológica da psicanálise com as ciências da natureza? Seria mesmo a metapsicologia freudiana tributária das ciências da natureza e da filosofia neokantiana, como afirma Heidegger? Essas são questões que almejamos examinar neste artigo.

Na obra *Seminários de Zollikon* Heidegger afirma que a parte especulativa da ciência freudiana – a metapsicologia – consiste numa transposição da filosofia neokantiana e dos preceitos das ciências da natureza para o homem. Por um lado – advoga Heidegger (2009, p. 247) –, Freud teve a base metodológica das ciências naturais e, por outro, a teoria kantiana da objetividade. Essa leitura heideggeriana não encontra respaldo entre parte dos comentadores da psicanálise. Há aqueles que a analisam como uma não-ciência, os que a enxergam como uma pseudociência ou até mesmo como uma hermenêutica. Skinner, por exemplo, entende que a psicanálise freudiana jamais deve ser incorporada ao corpo da ciência propriamente dita, visto que apresenta seu objeto de estudo de forma alusiva e ficcional, o que não permitiria a observação e experimentação direta.<sup>7</sup> Para Karl Popper (1994), as possibilidades de testagem e falsificabilidade não fazem parte da psicanálise, uma vez que seus dados clínicos sempre confirmam a teoria. O fato de não poder ser refutada experimentalmente, ou seja, o fato de não assumir o risco de ser desmentida, faz com que a psicanálise não tenha cientificidade, seja uma pseudociência. Para Popper, as observações clínicas, da mesma maneira que as confirmações da astrologia, não podem ser consideradas confirmações da teoria. Em função disso, afirma: “quanto à epopeia freudiana do Ego, Superego e Id, não se pode reivindicar para ela um padrão científico mais rigoroso que as histórias de Homero sobre o Olimpo” (POPPER, 1994, p.67). Para o autor de *Conjecturas e Refutações*, a psicanálise se enquadra naquele tipo de teoria que é seguida por admiradores que introduzem suposições auxiliares *ad hoc* ou reinterpretem a teoria *ad hoc* de maneira blindar-lhe de refutações.

Já o pensador francês, Paul Ricoeur, entende que a psicanálise freudiana se aproxima de uma hermenêutica, visto que baseia-se numa interpretação dos sentidos dos sonhos, sintomas e atos falhos. No livro *Da interpretação: ensaio sobre Freud*, Ricoeur avisa ao seu leitor que considera o fundador da psicanálise um “combatente da hermenêutica” que desapropria a consciência e “(...) regula a ascese desse narcisismo que pretende fazer-se tomar pelo verdadeiro cogito” (RICOEUR, 1977, p.60). Ao assumir sua posição em relação a Freud, o pensador francês indica que sua abordagem ingressa na psicanálise “(...) por aquilo que ela tem de mais exigente, pela sistemática, que o próprio Freud chamou de sua Metapsicologia.” (RICOEUR, 1977, p.60). Ao examinar a teoria metapsicológica, Ricoeur aloca Freud – junto com Nietzsche e Marx – no rol dos

<sup>6</sup> Aqui estamos falando da diferença que ficou conhecida como querela dos métodos (*Methodenstreit*), ou seja, da diferença entre a pretensão de explicar (*erklären*) e a de compreender (*verstehen*) o que se pesquisa. Enquanto as ciências naturais almejam explicar os objetos mediante o estabelecimento de leis universais e juízos de realidade, as ciências do espírito ou humanas, em contrapartida, visam compreender os fenômenos a partir de sua singularidade situada historicamente, a partir de uma busca pelo sentido. Sobre o tema conferir: Bleicher, J, 1980 e Ribeiro, 2014

<sup>7</sup> Cf.: SILVA; PAULINO, 2011.

hermeneutas da suspeita posto que, de diferentes modos, estes pensadores colocam o alcance da consciência sob suspeita. Se Marx encaminhou sua suspeita para o campo da alienação econômica e Nietzsche para o da vontade de poder, Freud direcionou sua crítica à consciência falsa por uma dupla entrada: o sonho e o sintoma neurótico. Estes pensadores, retomam

(...) cada um num registro diferente, o problema da dúvida cartesiana, para transportá-la ao interior mesmo da fortaleza cartesiana. O filósofo formado na escola de Descartes sabe que as coisas são duvidosas, que não são tais como aparecem. Mas, não duvida de que a consciência não seja tal como ela aparece a si mesma: nela, sentido e consciência de sentido coincidem. Depois de Marx, Nietzsche e Freud, duvidamos disso. Após a dúvida sobre a coisa, ingressamos na dúvida sobre a consciência. (RICOEUR, 1977, p.37)

Em direção oposta ao posicionamento de Ricoeur em relação a Freud e à sua metapsicologia, Heidegger vai advogar que a teoria metapsicológica freudiana foi construída num solo cujo húmus histórico é formado pela filosofia de matriz neokantiana e pelos pressupostos metodológicos das ciências da natureza. Entendemos que é tarefa deste artigo esclarecer esta afirmação, contudo, antes de nos atermos à maneira como Heidegger pensa essa influência sobre a metapsicologia, temos que esclarecer, ainda que de modo sumário, o que Freud define como teoria metapsicológica e quais são os conceitos que estão atrelados a ela.

### A metapsicologia freudiana

Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 284), “metapsicologia” foi o termo cunhado por Freud para designar a parte teórico-especulativa da psicanálise. Na obra *Um estudo autobiográfico* Freud (1996a, p. 61) afirma que o termo expressa “um método de abordagem de acordo com o qual todo processo mental é considerado em relação com três coordenadas”. Estas três coordenadas equivalem aos pontos de vista: tópico, dinâmico e econômico. De modo sumário, podemos dizer que o aspecto *dinâmico* se relaciona a forças pulsionais que atuam no interior do aparelho psíquico. O *tópico* diz respeito ao lugar que determinados fenômenos psíquicos ocupam entre as instâncias ou sistemas que compõem espacialmente este aparelho. E o aspecto *econômico* diz respeito à teoria da libido enquanto energia que move o aparelho psíquico. Esses três pontos de vista são preconizados por Freud para abordar os fenômenos psíquicos e lhe servem de guia “na elaboração de explicações em termos de conceitos relativos [respectivamente] ao aparelho psíquico, a forças e a quantidades de energia” (LOPARIC, 2001, p. 99).

Garcia-Roza (2008a, p. 9) destaca que, em uma carta a Fliess de 13 de fevereiro de 1896, Freud empregou pela primeira vez o termo “metapsicologia” e só o retomou vinte anos mais tarde em seus famosos “artigos de metapsicologia”, cujo intuito era aprofundar as hipóteses teóricas da psicanálise. É na metapsicologia que se encontra o fator teórico fundamental da psicanálise, embora a mesma não dispense nunca os fatores empíricos (referentes à prática psicanalítica). Em sentido mais amplo, a metapsicologia não

designa apenas os artigos metapsicológicos escritos por Freud entre 1914-1916, mas “o conjunto da elaboração teórica de Freud, a produção de modelos conceituais afastados da experiência, ficções teóricas a partir das quais a própria experiência é radicalmente transformada.” (GARCIA-ROZA, 2008a, p. 11). Freud afirma que a metapsicologia parece “representar a maior meta que a psicologia poderia alcançar” (FREUD, 1996a, p. 61-62).

É importante destacar que a parte especulativa da teoria freudiana e a prática clínica de Freud, embora implicadas, não devem ser confundidas epistemologicamente. Loparic enfatiza que a metapsicologia e a psicologia clínica de Freud devem ser separadas de modo que “criticar a metapsicologia não significa criticar a teoria psicanalítica freudiana no seu todo, mas principalmente as teses e os métodos da sua parte especulativa”, afinal, “as descobertas da psicologia clínica de Freud são lógica e epistemologicamente independentes da supra-estrutura metapsicológica”. (LOPARIC, 2001, p. 100). Quando se trata de analisar o legado de Freud, continua Loparic (2001, p.101), deve-se ter em mente que os problemas clínico-práticos de seu programa devem ser separados dos problemas teóricos, cuja solução passa necessariamente pela especulação. Em função dessa diferença, Fulgencio (2003) nos explica que a teoria psicanalítica é composta de duas vertentes: a descritiva, relativa à estrutura, e a especulativa, nomeada por Freud de superestrutura. A estrutura da psicanálise refere-se à descrição de fenômenos à luz da prática clínica e envolve aspectos observáveis relativos aos conceitos de complexo de Édipo, transferência, formação de sintomas, etc. A *superestrutura* da psicanálise está relacionada a conceitos *especulativos* e não observáveis, tais como o conceito de inconsciente:

A subdivisão do inconsciente faz parte da tentativa de retratar o aparelho da mente como sendo constituído de grande número de instâncias ou sistemas, cujas relações mútuas são expressas em termos espaciais, sem, contudo, implicarem qualquer relação com a anatomia do cérebro. (...) ideias como essas fazem parte da *superestrutura da psicanálise*, podendo ser abandonada ou modificada, sem perda ou pesar, no momento em que sua insuficiência tenha sido provada. (FREUD, 1996a, p.38) [grifo nosso]

Ao falar de seu conceito cardeal, o conceito de inconsciente, Freud se refere à ideia de um aparelho psíquico composto por instâncias, mas sem relação com a anatomia do cérebro. Trata-se de um recurso teórico que postula conceitos especulativos e ficcionais para explicar fenômenos observados na clínica. É justamente este tipo de recurso característico da parte especulativa da psicanálise que é alvo das críticas heideggerianas. Antes de entendermos os fundamentos desta crítica, convém explanar sobre a maneira como Freud procedia ao construir conceitos desta natureza. Para exemplificar, escolhemos o conceito de aparelho psíquico.

O aparelho anímico ou aparato psíquico (*psychischen Apparat*) constitui um dos postulados<sup>8</sup> fundamentais da metapsicologia freudiana. Inicialmente, na obra conhecida postumamente como *Projeto para uma psicologia científica* de 1895<sup>9</sup>, Freud já havia desenvolvido uma espécie de esboço conceitual do aparelho. Na verdade, afirma Garcia-Roza (2008b, p. 155), “desde o texto sobre as afasias, Freud vem elaborando um modelo de aparelho psíquico concebido como um aparelho de memória e de linguagem”. Contudo, Freud usa o termo “aparelho psíquico” pela primeira vez na obra *A interpretação dos sonhos*, de 1900, onde desenvolve, especialmente no capítulo VII, sua teoria acerca do funcionamento dessa máquina que produz sonhos. No capítulo referido, a “ideia de lugares psíquicos, que vinha sendo gestada desde o texto sobre as afasias, adquire um acabamento que irá definir o que se denominou de primeira tópica.” (GARCIA-ROZA, 2008b, p. 156). O termo “tópica” vem do grego τόπος, que significa “lugar, posição, local, região”<sup>10</sup>. Para a psicanálise freudiana, *tópica* é uma

Teoria ou ponto de vista que supõe uma diferenciação do aparelho psíquico em certo número de sistemas dotados de características ou funções diferentes e dispostos numa certa ordem uns em relação aos outros, o que permite considerá-los metaforicamente como lugares psíquicos de que podemos fornecer uma representação figurada espacialmente. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 505)

Na figuração freudiana, o aparelho psíquico possui em sua estrutura alguns “departamentos metafóricos”, vistos como sistemas ou instâncias. Com relação às tópicas do aparato psíquico, Freud nos legou duas delas. Na primeira, distinguiu o aparelho entre as instâncias Inconsciente, Pré-consciente e Consciente. Na segunda tópica, a distinção se deu entre Id, Ego e Superego.

Em *A interpretação dos sonhos*, Freud (1996b, p. 566-567) aprimora aquilo que havia iniciado no *Projeto* de 1895 e define as seguintes características para o aparelho psíquico: 1º) sua localização psíquica não é anatômica, física, material; trata-se estritamente de um “campo psicológico”; 2º) o aparelho é um instrumento que executa as nossas funções anímicas (por exemplo, a transformação dos pensamentos inconscientes no conteúdo do sonho); e 3º) ele pode ser “visualizado” analogicamente, um *como se* fosse “semelhante a um

<sup>8</sup> Para Aristóteles, um postulado é a mesma suposição de uma hipótese, porém, nela, “o estudante [a quem se dirige o postulado] carece de opinião ou detém opinião contrária acerca dela” (ARISTÓTELES, 2010, I, 10, 76b 24ss, p. 271). Em outras palavras, é algo que envolve necessidade, porém não exige provas mas quer ser aceita, pois o interlocutor ou não a aceita ou não tem opinião sobre esse postulado. Na hierarquia lógica, os postulados vêm logo abaixo dos axiomas - “nos quais a demonstração se funda em última instância” (ARISTÓTELES, *Analíticos Posteriores* I, 10, 76b 14, p. 271) ou o “primeiro princípio imediato e indemonstrável de um silogismo cuja apreensão [...] necessita ser apreendido (sem o que nenhum conhecimento será conquistado)” ARISTÓTELES, 2010, p. 255.

<sup>9</sup> Doravante nos referiremos a esta obra como *Projeto*. Parece um ponto pacífico entre estudiosos de Freud a presença de um fisicalismo no *Projeto*. As discussões aqui dizem respeito àquelas fases posteriores, a partir da obra *A interpretação dos sonhos* de 1900. Uma discussão mais profunda a respeito do fisicalismo em Freud pode ser vista em Assoun (1983) e Monzani (1989). Segundo Paul Ricoeur (1977), no *Projeto* Freud concebe um aparelho psíquico com base neuronal, já em *A interpretação dos sonhos* Freud opta por um modelo figurativo, especulativo e sem correspondência anatômica.

<sup>10</sup> Cf.: GINGRICH, 1984, p. 208

microscópio composto, um aparelho fotográfico ou algo desse tipo”. A analogia com esses e outros aparelhos do gênero tem como justificativa a correspondência da localização psíquica semelhante “a um ponto no interior do aparelho em que se produz um dos estágios preliminares da imagem”. No microscópio e no telescópio “estes ocorrem, em parte, em pontos ideais, em regiões em que não se situa nenhum componente tangível do aparelho” (FREUD, 1996b, p. 567). Em uma de suas últimas obras, *Esboço de psicanálise*, Freud mantém o mesmo tipo de comparação:

Presumimos que a vida mental é função de um aparelho ao qual atribuímos as características de ser extenso no espaço e de ser constituído por diversas partes – ou seja, que imaginamos como semelhante a um telescópio, microscópio, ou algo desse gênero. Não obstante algumas tentativas anteriores no mesmo sentido, a elaboração sistemática de uma concepção como esta constitui uma novidade científica. (FREUD, 1996c, p. 158).

Embora o aparelho psíquico não tenha localização anatômica, o pai da psicanálise postula que exista um lugar onde se formam as imagens que compõem os sonhos e outros elementos do psiquismo. Daí sua analogia também com o aparelho fotográfico. Para Freud, existiria uma justaposição dos sistemas psíquicos no aparelho ficcional da mesma forma como as lentes de um microscópio e/ou telescópio se justapõem espacialmente. Na analogia, “o cérebro será apenas o suporte material”, mas a coisa “não será detectável em nenhum ponto empírico” (MONZANI, 1989, p. 122). Uma vez que Freud preocupa-se em deixar claro que o seu aparelho não possui o estatuto ontológico de algo real, anatômico, o autor está cômico dos recursos metodológicos e conceituais de que se utiliza em sua nova ciência. O que implica dizer que este é um constructo de valor heurístico<sup>11</sup>, ou seja, ao invés ser formulado como algo observável, é formulado de modo analógico, especulativo. Sem base na anatomia, a máquina psíquica freudiana é de natureza ficcional: “um modelo explicativo que não supõe qualquer sentido denotativo do real” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 46-47).

Freud retrata o seu aparelho psíquico como “um instrumento composto” a cujos componentes confere o nome de “instâncias” ou “sistemas”<sup>12</sup>, que “talvez mantenham entre si uma relação espacial constante, do mesmo modo que os vários sistemas de lentes de um telescópio se dispõem uns atrás dos outros” (FREUD, 1996b, p. 567). Mesmo na teorização tardia da segunda tópica, o pai da psicanálise continua a sustentar que o aparelho psíquico não possui qualquer referente empírico para os chamados “lugares psíquicos”, pois não implicam “qualquer ligação com a verdadeira anatomia do cérebro” (FREUD, 1996a, p. 18-19). Para a epistemologia freudiana, o aparelho é apenas um postulado especulativo, metafórico, tendo por base a analogia. Embora no primeiro momento do *Projeto* (de 1895) Freud defendesse um aparelho

<sup>11</sup> Heurístico significa aquilo que não é verificável nem falsificável “pela experiência direta”, embora eminentemente útil aos fins visados por uma ciência empírica na descrição de seus dados igualmente empíricos. Cf. Loparic (2001, p. 100).

<sup>12</sup> Garcia-Roza (2008b, p.157-158) esclarece que o termo “instância” em Freud tem ressonâncias jurídicas, empregado com referência à censura. Já o termo “sistema” tem conotação tópica, em relação à retenção de traços ou percepção. Por essa razão Freud emprega os termos *sistema mnêmico* e *sistema perceptivo*. Nos textos da primeira tópica predomina o termo *sistemas*.

psíquico com bases neurológicas, mais tarde, em *A interpretação dos sonhos*, esse aparelho reaparece como recurso especulativo sem referente anatômico. Esse aparelho psíquico é *como se* fosse um instrumento composto por “instâncias” ou “sistemas”.

Freud concebe, de forma geral, *três instâncias* ou *sistemas* na primeira tópica para explicar o funcionamento do aparelho psíquico: 1) o consciente (relativo à vida de vigília, que dirige os processos voluntários); 2) o pré-consciente (onde se situam as experiências mais recentes e que podem atingir a consciência); e 3) o inconsciente (onde se situariam as pulsões,<sup>13</sup> os traumas, etc., aquelas “impressões que maior efeito causaram em nós – as de nossa primeira infância – [...] que quase nunca se tornam conscientes” (FREUD, 1996b, p. 570). Aquilo que põe o “aparelho anímico em ação”, como “a força propulsora da formação dos sonhos”, é o desejo e, como em todas as outras estruturas psíquicas, esse desejo “se esforçará por avançar para o [pré-consciente] *Pcs.* e, a partir daí, ganhar acesso à consciência” (FREUD, 1996b, p. 572). Cumpre conferir destaque para o termos que Freud se serve em sua tentativa explicabilidade: “força propulsora”, “impulso”, “sistemas”, “aparelho”, etc.

À possibilidade de pensamentos oníricos transitarem de uma instância a outra – do inconsciente ao pré-consciente até a consciência, até ser barrado pela censura<sup>14</sup> – Freud descreve como “processo dinâmico”. Por meio dessa arquitetura, Freud tem em mãos uma *explicação dinâmica* dos processos psíquicos, a qual envolve a pergunta pelas forças que atuam no interior do aparelho, ou seja, a pergunta pelas pulsões.

A explicação do aparelho psíquico mais tarde foi enriquecida pelo pai da psicanálise com novos dados empíricos, o que o forçou a formular uma segunda tópica: “Em meus mais recentes trabalhos especulativos entreguei-me à tarefa de dissecar nosso aparelho mental, com base no ponto de vista analítico dos fatos patológicos, e o dividi em um ego, um id e um superego.” (FREUD, 1996a, p. 62). Esta mudança deve-se ao fato de Freud “considerar cada vez mais as defesas inconscientes” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 508).

A composição básica desta *segunda tópica* é descrita com os conceitos de Id (*Es*), Ego (*Ich*) e Superego (*Über-Ich*). Os termos usados para nomear anteriormente as instâncias tornam-se três qualidades dos processos psíquicos: conscientes, pré-conscientes e inconscientes (FREUD, 1996c, p. 174). Aquilo que era, na primeira tópica, uma espécie de lugar, doravante será descrito como *qualidade*. Na nova descrição, o ego seria o “eu” propriamente dito, que possui as relações ambíguas entre seu próprio “mundo” interno e a realidade

<sup>13</sup> De forma geral e breve, podemos dizer que as pulsões são as forças fundamentais que movem o aparelho psíquico. Tais forças são responsáveis pelos processos psíquicos. Segundo Laplanche e Pontalis (2001, p. 394), pulsão é o processo dinâmico de uma pressão ou força que faz com que o organismo tenda a um objetivo, geralmente suprimindo o estado de tensão da fonte pulsional. Mais adiante falaremos um pouco mais sobre o conceito metapsicológico de pulsão.

<sup>14</sup> Censura, para Freud, é uma espécie de função intrapsíquica permanente, uma barreira seletiva entre os sistemas inconsciente e pré-consciente Cf.: Laplanche; Pontalis, 2001, p. 64.



externa (FREUD, 1996c, p. 158). A elevação de “tensão” do aparelho psíquico é sentida pelo indivíduo como “desprazer” e o seu rebaixamento “como prazer” (FREUD, 1996c, p. 158-159). O ego tem que lidar com essa dinâmica, ou seja, tem que lidar tanto com conteúdos conscientes, como pré-conscientes e inconscientes e fazer a mediação entre dois “mundos”, o interno e o externo, regidos segundo princípios diferentes: o interno regido pelo *princípio de prazer* e o externo, pelo *princípio da realidade*.

O princípio do prazer tem como objetivo a evitação do desprazer, do aumento das tensões internas. Em *A pulsão e seus destinos*, Freud defende a tese de que “até mesmo a atividade do aparelho mental mais desenvolvido está sujeita ao princípio de prazer, isto é, que ela é automaticamente regulada por sentimentos pertencentes à série prazer-desprazer” (FREUD, 1996d, p. 126). Como vimos acima, o ponto de vista econômico faz parte da explicação metapsicológica e leva em consideração o aspecto quantitativo da energia psíquica em seu aumento e diminuição de prazer. Em *Além do princípio de prazer*, Freud esclarece que no curso dos eventos psíquicos encontramos um movimento de uma tensão desagradável e a redução dessa tensão equivale “(...) uma evitação de desprazer ou uma produção de prazer” (FREUD, 1996e, p. 17). O outro princípio que rege o funcionamento da vida psíquica é aquele que considera a realidade. O princípio de realidade forma um par com o *princípio de prazer* e tenta modificá-lo, “(...) fazendo com que a obtenção de prazer sofra determinados desvios e adiamentos conforme as imposições do mundo externo (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 368).

Na segunda tópica do aparelho psíquico o id é postulado como a instância onde se localizam as pulsões. O ego constitui a base de convergência de imposições do id, da realidade externa e do superego. Este, por sua vez, é, “(...) o herdeiro do complexo edipiano e representa os padrões éticos da humanidade” (FREUD, 1996a, p. 62). Ou seja, esta instância é resultante da incorporação da proibição do incesto e de regras morais. Nela se encontra o freio dos desejos e das pulsões por meio das regras morais com as quais o indivíduo pode conviver razoavelmente em sociedade. O material oriundo do superego pode portar qualidades inconscientes ou pré-conscientes, a depender da força com que as marcas foram registradas e investidas no aparelho psíquico (cf. FREUD, 1996c, p. 159)<sup>15</sup>.

Falamos acima sobre um outro conceito metapsicológico de Freud: pulsão. Sobre esse conceito convém dizer que o pai da psicanálise o entende como uma força constante que força o aparelho psíquico a trabalhar. Em sua segunda tópica, afirma serem as pulsões as “forças que presumimos existir por trás das tensões causadas pelas necessidades do id”, porque “representam as exigências somáticas que são feitas à mente.” (FREUD, 1996c, p. 161). Na metapsicologia freudiana, a teoria das pulsões se caracterizou, num

---

<sup>15</sup> O investimento ou catexia, para Freud, diz respeito ao ponto de vista econômico do aparelho psíquico, indicando “o fato de uma determinada energia psíquica se encontrar ligada a uma representação ou grupo de representações, a uma parte do corpo, a um objeto, etc.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 254).

primeiro momento, como um dualismo entre pulsão de autoconservação e pulsão sexual. Mais tarde, Freud (1996c, p.161) realizou uma nova divisão das pulsões: de um lado, pulsão de vida (sob a qual se encontram englobadas as antigas pulsões de autoconservação e sexual) e, de outro, a pulsão destrutiva ou pulsão de morte, que tende “(...) para a destruição das unidades vitais, para igualização radical das tensões e para o retorno ao estado anorgânico que se supõe ser o estado de repouso absoluto.” (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001, 414). Para Freud (1996c, p. 162), essas duas forças fundamentais – pulsões de vida e de morte – determinam toda a variedade dos fenômenos da vida, tal como o par de forças atração e repulsão determinam toda a variedade dos fenômenos físicos.

A pulsão distingue-se de um estímulo pelo fato de surgir de fontes de estimulação dentro do corpo, atuando como força constante. Se o estímulo provém de fora e pode ser evitado, a pulsão tem sua fonte no corpo, insere-se no aparelho psíquico e não pode ser evitada (FREUD, 1996d, p. 99). Se a pulsão atua como uma força constante, não há forma de fugir dela, logo, o que se pode fazer é sublimá-la ou satisfazê-la de alguma forma<sup>16</sup>. A pulsão é um tipo específico de força de propulsão que nasce de dentro do organismo humano e se aloja no psiquismo forçando-o a trabalhar.

Na teoria freudiana, o aparelho psíquico também é regido por um princípio de constância que regula o seu funcionamento, como o responsável por manter constantemente “a soma das excitações” dentro do mesmo. Uma vez excitado por uma carga psíquica, o aparelho põe em movimento o *quantum* de energia recebido, fazendo com que esta quantidade permaneça baixa ou constante segundo o princípio de constância que regula este aparelho. E como o aparelho deve atingir certa constância com baixa tensão de energia, ele aciona “mecanismos” para manter o equilíbrio de si mesmo, com “tentativas mais ou menos bem-sucedidas de manter ou restabelecer essa constância”. Esses mecanismos são: 1) “evitação” – mecanismo que evita as excitações externas que poderiam aumentar a quantidade de energia no aparelho; e 2) “defesa” e “descarga” (por ab-reação) – mecanismo que faz com que a energia (interna) presente no aparelho não aumente a sua tensão. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001, p. 355).

Vimos que uma descrição metapsicológica analisa os processos psíquicos a partir dos pontos de vista tópico, econômico e dinâmico. O primeiro ponto de vista refere-se à localidade dos fenômenos psíquicos analisados no aparelho anímico. O ponto de vista econômico relaciona-se, como afirmamos acima, à pergunta pela quantidade de produção de prazer ou desprazer envolvida num fenômeno. Como diz Freud (1996e), o

---

<sup>16</sup> Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1996f, p. 101), Freud coloca que “A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de [a pulsão] se dirigir no sentido de uma finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual”. Sublimamos as pulsões que nos acossam realizando algo que compensa o adiamento ou recusa daquela aquela satisfação, como por exemplo, gerando produtos de arte ou realizando algo religioso, comunitário. Em *Ansiedade e vida pulsional* Freud elucida: “Um determinado tipo de modificação da finalidade e de mudança do objeto [da pulsão], na qual se levam em conta nossos valores sociais, é descrito por nós como ‘sublimação.’” (FREUD, 1996g, p. 99).

ponto de vista econômico implica na pergunta pelo represamento ou escoamento de energia psíquica. A linguagem usada para tal descrição é inspirada na semântica da economia, visto que o pai da psicanálise se refere a quantidades e investimentos (catexias) de energia, a desinvestimentos e contrainvestimentos, a descarga (*Abfluss*) energética, a bloqueio de cargas afetivas e a aflusos de excitações. Por fim, para completar a tríade metapsicológica, temos o ponto de vista dinâmico. Esse supõe a interação de forças em conflito, tais forças seriam responsáveis pelo movimento no interior do aparelho. Os fenômenos psíquicos seriam resultantes choques entre forças pulsionais antagônicas, inicialmente o par pulsional era pulsão de autoconservação e pulsão sexual, depois o conflito se estabeleceu entre as pulsões de vida e a de morte. Segundo Fulgencio (2003), as forças psíquicas (pulsões) são tomadas por Freud de modo análogo às forças que os físicos supõem agir sobre a matéria. Com o fito de resumir os três pontos de vista que constituem a teoria metapsicológica, recorreremos à seguinte citação de Fulgencio:

Ao ponto de vista dinâmico corresponde a suposição de pulsões (forças psíquicas) básicas em conflito, como causas motoras originárias, e primeiras, do funcionamento da vida psíquica; ao econômico, a suposição de uma energia psíquica de natureza sexual (a libido) – que funciona e pode ser avaliada segundo um fator quantitativo –, que impulsiona as pulsões e caracteriza os investimentos afetivos nos objetos de desejo; e, ao ponto de vista tópico, a proposição de tomar o psiquismo como se fosse um aparelho, passível de ser visualizado e figurado espacialmente, tal como ocorre quando lidamos com um telescópio, um microscópio ou qualquer objeto similar, tornando, assim, possível diferenciar as instâncias psíquicas que compõem as partes desse aparelho, jamais correspondendo a alguma localização anatômica e tendo, pois, a natureza de uma *ficção teórica*. (FULGENCIO, 2003, p.144-145)

Nesse tópico de nosso artigo coube-nos a tarefa de qualificar a metapsicologia freudiana pois é justamente esta parte especulativa da psicanálise que é alvo das críticas de Heidegger, é justamente esta superestrutura da psicanálise que é apontada pelo filósofo como herdeira da filosofia neokantiana e dos recursos procedimentais das ciências naturais. Resta-nos agora pormenorizar a natureza desta crítica e apontar seus fundamentos.

### **A crítica de Heidegger à metapsicologia de Freud**

Como expusemos no início deste artigo, é na obra *Seminários de Zollikon* (2009) que Heidegger aponta a herança filosófica (neokantiana) e científico-natural que subjaz à formulação da teoria metapsicológica de Freud. O filósofo alemão nos alerta o quanto o modelo procedimental das ciências naturais é subjacente à construção freudiana de conceitos metapsicológicos como: aparelho psíquico, inconsciente e pulsão. Ora, sabendo que o modelo científico-natural está assentado em pretensões de objetividade que buscam mensurar, calcular e submeter a leis causais os entes pesquisados, convém perguntar em que medida este tipo de pretensão pode ser associada à psicanálise freudiana. É pertinente também perguntar em que medida a filosofia neokantiana se faz solo ontológico para as formulações de conceitos da metapsicologia.

Para o filósofo da Floresta Negra, as ciências só puderam operar e domesticar setores do real quando configuração a dicotomia sujeito-representante/objeto-representado foi instituída como índice elementar das relações homem-mundo. A mudança da posição do ser humano diante dos entes tem seu marco inicial com a conceituação cartesiana de homem como sujeito, como coisa pensante que está na base de tudo que é. Segundo esta perspectiva, o homem – através de regras claras e distintas – se torna sujeito fundante da verdade das coisas. Heidegger afirma: “Por meio de Descartes e desde Descartes, o homem, o ‘eu’ humano, se torna ‘sujeito’ de maneira predominante” (2007, p. 104). Com Galileu, a ciência ganha o estatuto de única possuidora da verdade objetiva, calcada sobre o processo de “matematização do mundo” e de objetificação do real<sup>17</sup>. O real passa a ser objeto de mensuração e cálculo<sup>18</sup>. Aliás, é esta mesma ciência moderna que passa a legislar sobre aquilo que é o real e verdadeiro, substituindo a autoridade da Igreja na Idade Média<sup>19</sup>.

O que é questionável, segundo Heidegger, é a transposição desta pretensão de objetificação do ente para os fenômenos humanos. Em função disso, critica a pretensão de se determinar o ser do homem por meio de um método que absolutamente não foi projetado para ele, vendo-o como ente natural, passível de objetificação (HEIDEGGER, 2009, p. 57). Eis o núcleo central de sua crítica às ciências dos fenômenos psíquicos, incluindo a psicanálise freudiana.

Segundo Heidegger, a psicanálise de Freud construiu uma forma de *acessar* o ser do homem a partir da pretensão de: determinar as leis gerais do funcionamento da máquina psíquica; destinar tratamento objetivo aos processos de formação de sonhos, atos falhos e sintomas; tornar os fenômenos psíquicos causalmente explicáveis. Ainda que seus conceitos cardeais – aparelho psíquico, inconsciente, pulsão – sejam de natureza especulativa e não tenham realidade empírica, isso não quer dizer que Freud não tenha pretensão de tratar o psiquismo da mesma forma objetiva que as ciências mais duras tratam seus constructos. Aliás, como poderemos notar na citação abaixo, o pai da psicanálise está cômico de que o recurso a conceitos especulativos não é algo exclusivo de seu campo de saber

[...] Em nossos dias [com respeito à substituição de convenções especulativas], a mesma coisa vem acontecendo na ciência da física, cujas noções básicas no tocante a matéria, centros de força, atração etc. são quase tão discutíveis quanto às noções correspondentes em psicanálise. (FREUD, 1996h, p. 84-85)

<sup>17</sup> A crítica de Heidegger às ciências e à modernidade foi desenvolvida em outra obra, intitulada *Ciência e pensamento do sentido* (2006). Sobre esse processo, conferir Ribeiro, 2008.

<sup>18</sup> Vale ressaltar que, para Heidegger, calcular não diz respeito verter fenômenos em números, mas “contar com” a possibilidade de objetificar os entes. Cf. Heidegger, 2009, p. 141.

<sup>19</sup> Heidegger dirá nos *Seminário de Zollikon* aquilo que os epistemólogos Paul Feyerabend e Alan Chalmers irão repetir e constatar quase duas décadas depois: “Hoje predomina a crença de que somente a ciência proporciona a verdade objetiva. Ela é a nova religião” (HEIDEGGER, 2009, p. 47). Chalmers dirá, citando Feyerabend, algo no mesmo sentido: “A ciência deve parte de sua alta estima ao fato de ser vista como a religião moderna, desempenhando um papel similar ao que desempenhou o cristianismo na Europa em eras antigas” (CHALMERS, 1993, p. 20).

De acordo com a perspectiva heideggeriana, a metapsicologia foi erigida a partir de um modelo de fazer ciência avalizado pelo pensamento neokantiano e ancorado nos pressupostos procedimentais das ciências da natureza. O filósofo alemão sintetiza a sua principal crítica à metapsicologia freudiana no seguinte trecho:

A metapsicologia de Freud é a transferência da filosofia neokantiana para o homem. Por um lado, ele [Freud] tem as ciências naturais e, por outro, a teoria kantiana da objetividade. Ele [Freud] também postula para os fenômenos humanos conscientes a ausência de lacuna na explicabilidade, isto é, a continuidade das conexões causais. Por não haver isso “na consciência” ele precisa inventar “o inconsciente”, no qual tem de haver a ausência de lacuna de conexões causais. O postulado é a explicabilidade da vida psíquica, onde explicar e compreender são identificados. Este postulado não é tirado do próprio fenômeno psíquico, mas ele é o postulado da ciência natural moderna. O que em Kant é aquilo que transcende a percepção, por exemplo, o fato de que a pedra fica quente *porque* o sol brilha [princípio da causalidade], em Freud é “o inconsciente” (HEIDEGGER, 2009, p. 247).

Para Heidegger, Freud não inovou do ponto de vista metodológico, apenas transferiu procedimentos científico-naturais e preceitos da filosofia neokantiana para seu campo de pesquisa: os fenômenos psíquicos. Como vimos na citação acima, o conceito de inconsciente é postulado para explicar a continuidade dos entes psíquicos. O próprio Freud (2006) afirma que existem as lacunas nos fenômenos conscientes e que, para o restabelecimento da continuidade causal, é legítimo postular o conceito de inconsciente. Ou seja, o preenchimento de lacunas no aparelho deve ser feito com tal postulado<sup>20</sup>. Segundo Heidegger, esse conceito especulativo está a serviço da explicabilidade do psiquismo. Como a consciência é lacunar, Freud toma como legítima a necessidade de preencher as lacunas. Esse tipo de procedimento metodológico na construção do conceito de inconsciente, não se afinaria com as manifestações humanas, mas com a pretensão de objetividade cativa à ciência natural moderna. Se, para Kant o que faz uma pedra exposta aos raios solares ficar quente constitui um princípio transcendental de causalidade, em Freud o que explica a lacuna consciente é um postulado metapsicológico do inconsciente. O qual tem o poder causal em relação à formação de sintomas, atos falhos e sonhos

Posta a crítica, resta-nos agora pesquisar a respeito de sua sustentabilidade, ou seja, resta-nos explicar sobre seus fundamentos. O que implica perguntar: a metapsicologia de Freud realmente ancora-se numa plataforma epistemológica científico-natural e na teoria kantiana da objetividade? Realmente transfere a filosofia neokantiana para o homem? Na obra *Seminários de Zollikon* Heidegger indica que o projeto kantiano para as

---

<sup>20</sup> Freud afirma: “Nosso direito de supor a existência de um psiquismo inconsciente e de trabalhar cientificamente com essa suposição tem sido contestado por muitos. Podemos responder que a suposição do inconsciente é *necessária e legítima* e que dispomos de numerosas *provas* de sua existência. Ela é necessária, porque os dados da consciência têm muitas lacunas. Tanto em pessoas sadias quanto em doentes ocorrem com frequência atos psíquicos que, para serem explicados, pressupõem a existência de outros atos para os quais, no entanto, a consciência não fornece evidências” (FREUD, 2006, p.19)

ciências da natureza, com ênfase na física newtoniana clássica<sup>21</sup>, se faz presente na construção da identidade epistemológica da psicanálise. Como se trata de uma obra que traz em seu bojo atas de aulas, não encontramos um exame detalhado sobre a natureza desta presença. Para cumprirmos a tarefa de investigar esta herança apontada por Heidegger recorreremos, então, a epistemólogos da psicanálise, como Loparic, Fulgencio e Assoun. O objetivo que temos em mente é avaliar, à luz de autores que se debruçaram sobre o legado freudiano a partir da pergunta por seus pactos ontológicos e epistemológicos, se o posicionamento heideggeriano é sustentável. O passo agora consiste em “rastrear” a possível filiação epistemológica de Freud aos preceitos científico-naturais e à filosofia neokantiana.

Utilizaremos como via de análise acerca da herança neokantiana e científico-natural da psicanálise freudiana os conceitos de pulsão e aparelho psíquico, já trabalhados neste artigo. Esta escolha se deve ao fato de estas duas noções fazerem parte do arcabouço conceitual da metapsicologia e terem sido alvo da crítica de Heidegger com relação à psicanálise. Ancorados em trabalhos de epistemólogos da psicanálise, indicamos dois autores que influenciaram a formação epistemológica de Freud: o físico Ernest Mach e o neokantiano Hans Vaihinger. Resta-nos examinar como estes dois autores se fizeram presentes na formulação dos conceitos freudianos. Para tanto, é preciso traçar um esclarecimento, ainda que breve, sobre o programa formulado pelo filósofo Immanuel Kant para as ciências da natureza, base sobre a qual pensadores expoentes do pensamento neokantiano construíram suas visões sobre as ciências.

No século XVIII o filósofo Immanuel Kant desenvolveu um programa de pesquisa para as ciências da natureza<sup>22</sup>, especialmente a física newtoniana, delineado principalmente em duas obras: *Crítica da razão pura* e *Princípios metafísicos da ciência da natureza*, sendo a segunda “um complemento” da primeira (KANT, 1990, p. 11). Seu objetivo era “estabelecer a ‘real possibilidade’ do conceito de matéria e ilustrar os fundamentos filosóficos da ciência newtoniana, bem como a visão da natureza pelo que lhe está subjacente” (KANT, 1990, p. 11). Esse programa *a priori* de pesquisa científica busca fornecer “subsídios para a criação, pelos cientistas, de ficções úteis na busca e na organização de fatos empíricos, bem como para a descoberta de hipóteses explicativas empíricas desses fatos” (LOPARIC, 2003, p. 234).

Kant (1990) defendeu a presença de uma metafísica da natureza por trás de toda ciência natural. O caráter metafísico subjacente a uma ciência da natureza estaria no estabelecimento de princípios, isto é, de leis que não são empíricas, que não se dão na intuição *a priori*, mas regulam o uso do entendimento, determinando sua extensão. Esta metafísica da natureza tem como base aquilo que Kant denomina “conceitos da razão” ou

---

<sup>21</sup> Ver, por exemplo, o intuito do projeto de Kant na Introdução B de sua *Crítica da razão pura* (2001) e mais detidamente na obra *Princípios metafísicos da ciência da natureza* (1990).

<sup>22</sup> Doravante chamaremos esse programa de *programa kantiano*.

“ideias da razão”<sup>23</sup>, entes sem qualquer referente empírico, mas que servem para orientar os cientistas na procura das relações entre os fenômenos (LOPARIC, 2003, p. 240). O conceito, a natureza, a função e o valor dessas ideias da razão são dados por Kant na seguinte passagem da *Crítica da razão pura*:

Os conceitos da razão, [...] são meras ideias e não têm, evidentemente, objeto algum em qualquer experiência, mas não designam por isso objetos imaginados e ao mesmo tempo admitidos como possíveis. São pensados de modo meramente problemático, para fundar em relação a eles (como ficções heurísticas) princípios reguladores do uso sistemático do entendimento no campo da experiência. Se sairmos deste campo, são meros seres da razão, cuja possibilidade não é demonstrável e que não podem também, por hipótese, ser postos como fundamento da explicação de fenômenos reais. (KANT, 2001, A 771/B 799, p. 628)

Estas ficções ou conceitos ficcionais da razão, legítimas para Kant, funcionam como organizadoras do material empírico, porém sem referentes no campo da empiria. Sua utilidade diz respeito à fertilidade da pesquisa em sua explicabilidade dos fenômenos empíricos, daí seu valor heurístico.<sup>24</sup> O melhor exemplo é o conceito de “força” utilizado na física: não possui qualquer referente empírico na natureza, porém, sem esse conceito, que funciona como postulado fundamental, todo material organizado experimentalmente pela física fica impossível de ser explicado. O que causa, por exemplo, o movimento da matéria inerte? É a força de atrito que faz parar os objetos móveis no plano não liso; é a força gravítica que impulsiona e pressiona os corpos dotados de massa para determinados centros gravitacionais; é a força de empuxo que faz com que os barcos não subsumam na água. Sem o conceito de força postulado pela física clássica, não teríamos a lei da inércia newtoniana, a lei de atração e repulsão dos corpos, tampouco qualquer formulação científico-natural acerca do movimento descrito pela dinâmica – sub-capítulo da mecânica. Todas estas formulações pressupõem o conceito de força. O próprio Kant afirma que a matéria “nem sequer seria matéria sem forças atrativas” (KANT, 1990, p. 63) e que “o conceito de matéria reduz-se a simples forças motrizes” (KANT, 1990, p. 73).

De acordo com a perspectiva estabelecida pelo programa o kantiano, “força” constitui apenas um constructo heurístico, um postulado especulativo da razão bastante útil na formulação e solução dos problemas empíricos da pesquisa científica. Essa utilidade é a condição dada por Kant para o seu uso nas

---

<sup>23</sup> Kant explica o conceito de “ideia” da seguinte forma: “Entendo por ideia um conceito necessário da razão ao qual não pode ser dado nos sentidos um objeto que lhe corresponda. Os conceitos puros da razão, que agora estamos a considerar, são pois ideias transcendentais. São conceitos da razão pura, porque consideram todo o conhecimento de experiência determinado por uma totalidade absoluta de condições. Não são forjados arbitrariamente, são dados pela própria natureza da razão, pelo que se relacionam, necessariamente, com o uso total do entendimento. Por último, são transcendentais e ultrapassam os limites de toda a experiência, na qual, por conseguinte, nunca pode surgir um objeto adequado à ideia transcendental.” (KANT, 2001, B 383-384, p. 343).

<sup>24</sup> Loparic esclarece o valor heurístico dos princípios *a priori* na seguinte afirmação: “O resultado da aplicação dos princípios *a priori* da filosofia transcendental no campo da natureza material são os princípios metafísicos da física racional (os da foronomia, mecânica, dinâmica e fenomenologia) a função básica desses princípios é *heurística*: eles são usados como guias da pesquisa empírica no domínio de objetos materiais sensíveis, ou seja, como princípio *a priori* da atividade de resolução de problemas, desenvolvida pela ciência empírica” (2003, p. 5).

ciências da natureza (LOPARIC, 2003, p.240). Tais conceitos puros da razão, como especulações heurísticas, pertencem à metafísica da natureza. Segundo Kant (1990, p. 15), “a genuína ciência natural pressupõe uma metafísica da natureza”, a qual deve “conter sempre puros princípios, que não são empíricos (é por isso que leva o nome de metafísica)”, embora possa tratar, mesmo sem relação a qualquer objeto determinado da experiência, “das leis que tornam possível o conceito de uma natureza em geral” presentes na teoria e metodologia da física moderna (KANT, 1990, p. 15-16). A partir desses princípios, por exemplo, a física pôde trabalhar com os conceitos metafísicos de massa, átomo, força, energia, etc.; e a psicologia empírica<sup>25</sup>, por sua vez, pôde estruturar os dados empíricos com o seu conceito metafísico de alma, fazendo uso de uma razão pura, ou seja, princípios de *possibilidade* da experiência em geral.<sup>26</sup>

Para Assoun (1983), Loparic (2001; 2003) e Fulgencio (2000; 2008), é possível notar uma filiação de Freud ao pensamento de Kant. Segundo Loparic (2001, p. 99), Freud construiu a sua psicologia do inconsciente com “o método especulativo ou método de construções auxiliares, inspirado em Kant e frequentemente usado nas ciências naturais na época de Freud”. O próprio Freud afirma, algumas vezes em sua obra, que a metapsicologia é de ordem especulativa.<sup>27</sup> No texto tardio *Por que a guerra?* Freud explica a Einstein: “Como consequência de um pouco de especulação, podemos supor que esse instinto [pulsão de destruição] está em atividade em toda criatura viva e procura levá-la ao aniquilamento [...]” (FREUD, 1996h, p. 204). A assunção de que sua psicanálise se vale de especulação para produzir um conhecimento científico acerca do psiquismo é passível de ser encontrada em vários momentos do legado de Freud. Contudo, vale ressaltar que a metapsicologia freudiana não deve ser confundida nem com as teorias filosóficas (como a metafísica). Freud não cogita fazer uma ontologia do psiquismo, ou seja, dizer o que ele é. Apenas pretende dizer como ele funciona. Assim, suas formulações metapsicológicas não têm estatuto de verdade e, por isso mesmo, puderam ser modificadas ao longo da evolução de sua teoria. Ao falar de um cardeal conceito metapsicológico, Freud refere-se à teoria das pulsões como a sua “mitologia”, ou seja, afirma que a pulsão é conceito tão obscuro que se assemelha a entidades míticas:

A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-lo, nem por um

<sup>25</sup> A psicologia e a física seriam, segundo Kant (KANT, 1990, p. 15-16), *ciências naturais metafísicas particulares* porque lidam com objetos de “natureza particular” (como *ser pensante*, matéria, força, etc.).

<sup>26</sup> Em uma nota Kant afirma: “[...] todo o uso da razão pura nunca pode incidir senão em objetos da experiência e, porque nos princípios *a priori* a condição nada de empírico pode ser, eles só podem ser princípios da *possibilidade* da experiência em geral. Só este é o verdadeiro e suficiente fundamento da determinação da fronteira da razão pura, mas não constitui a solução do problema de *como* é que a experiência é possível mediante essas categorias e unicamente por meio delas.” (KANT, 1990, p. 21).

<sup>27</sup> Por exemplo, nas seguintes passagens: “Em meus mais recentes trabalhos especulativos entreguei-me à tarefa de dissecar nosso aparelho mental, com base no ponto de vista analítico dos fatos patológicos, e o dividi em um ego, um id e um superego.” (FREUD, 1996a, p. 62); a “especulação psicanalítica toma como ponto de partida a impressão, derivada do exame dos processos inconscientes” (FREUD, 1996e, p. 33).



só momento, de vez que nunca estamos seguros de os estarmos vendo claramente. (FREUD, 1996i, p.98).

A leitura desta passagem freudiana talvez leve o leitor a desconfiar do posicionamento de Heidegger, afinal, se o pai da psicanálise assume que se serve de conceitos imprecisos e míticos, como asseverar que sua ciência se afina com a identidade epistemológica das ciências da natureza? Essa desconfiança seria apressada por não levar em conta que, ao falar de mitologia, Freud está se servindo do sentido que Ernest Mach emprega ao termo. Vejamos o que isso significa.

Inicialmente cumpre informar que o físico e filósofo austríaco Ernest Mach (1838-1916) figura, no início do século XX, como “um dos mais importantes físicos, psicofísicos e filósofos da ciência. Poucos intelectuais tiveram tanta influência sobre diversos outros campos da cultura quanto ele” (FULGENCIO, 2000, p. 432). Para Assoun (1983, p. 85-86), Mach foi um dos valores estabelecidos pela ciência no fim do séc. XIX e começo do XX, um representante de uma corrente cientificista triunfante. Influenciado pela leitura dos *Prolegômenos a toda metafísica futura* de Kant, pelos estudos de Herbart e de Fechner, um dos principais objetivos de Mach era encontrar um ponto de vista de continuidade que fosse da física à psicologia. Mach foi um partidário de um fisicalismo do psiquismo e filósofo dessa prática. Seu projeto teórico procurou reduzir o universo a um complexo de sensações, tornando possível um continuísmo psicofísico (ASSOUN, 1983, p.86).

Fulgencio resgata um importante documento que demonstra não só a influência de Mach no cenário científico, como também sua influência epistemológica sobre Freud. Trata-se de uma convocação de vários nomes importantes da época para fundarem uma “Sociedade para a Filosofia Positivista”<sup>28</sup>. Nesse documento consta a assinatura de grandes nomes da ciência, como Albert Einstein, Ernest Mach, David Hilbert, Félix Klein, Max Planck, Sigmund Freud, dentre outros. Seu conteúdo girou em torno de duas concepções antagônicas sobre a natureza da ciência: a *concepção heurística* de Mach e a *posição realista* de Planck. Einstein e Freud tomam posição ao lado de Mach. Einstein venera o mestre e Freud adota o seu vocabulário epistemológico na construção de sua metapsicologia, edificando a psicanálise sobre uma mitologia das pulsões

---

<sup>28</sup> Esse título rendeu o artigo de Fulgencio (2000): “Convocação para a fundação de uma ‘Sociedade para a Filosofia Positivista’”. O objetivo da convocação foi elaborar uma visão de mundo abrangente, com fundamento em dados fatuais acumulados pelas ciências particulares, divulgando ideias seminais entre os próprios pesquisadores. Para tanto, a *Sociedade* convocou cientistas interessados em problemas filosóficos e filósofos em sentido estrito, ou seja, que esperam chegar a conhecimentos válidos somente pelos fatos da experiência. O objetivo da *Sociedade* era estabelecer uma conexão entre todas as ciências, bem como “desenvolver, em todas as áreas, conceitos unificadores” (FULGENCIO, 2000, p. 430). A fotocópia do texto original onde constam todas as assinaturas foi concedida a Fulgencio pela Academia Alemã de Ciências de Berlim, Arquivos Wilhem Ostwald, em 1912. Para Fulgencio (2000, p. 429) trata-se de um documento “pouco conhecido e raramente mencionado”.

de inspiração machiana (FULGENCIO, 2000, p. 433-434). As pesquisas demonstram que Freud filiou-se fielmente à concepção heurística de Mach<sup>29</sup>.

E quanto ao termo mitologia, em que medida podemos afirmar que o uso freudiano deste termos se relaciona com Mach? Na obra *La connaissance et l'erreur*, Mach (1919, p.77) afirma que a física – em suas diversas configurações históricas – sempre recorreu a uma espécie de “mitologia da natureza”. Ao traçar a história da física, Mach demonstra que esta mitologia configurou-se inicialmente como animista, sendo substituída, aos poucos, por uma mitologia das substâncias, seguida por uma mitologia mecânica e automática, para, finalmente, configurar-se como uma mitologia dinâmica. Como atesta Fulgencio (2008, p. 189), essa evolução ocorrida na física evidencia o caráter temporário de cada elemento fantasioso ou mitológico e a sua consequente possibilidade de substituição por outro mais frutífero. De modo geral, enquanto não atinge sua completa maturidade, a ciência não consegue evitar a utilização de elementos mitológicos. Esse traço epistemológico pode ser localizado – segundo Mach (1919, p.77) – na noção de partículas de luz defendidas pela física de Newton, na teoria de Demócrito sobre os átomos, como também nos conceitos de íons e elétrons. Encontramos, na obra em comento, exemplos machianos de uso de recursos fantasiosos ou mitológicos utilizados na química, física e geometria.

Se retomarmos o argumento de Mach sobre a relação histórica entre mitologia e ciência, poderemos notar que a perspectiva dinâmica – que recorre ao uso de forças para explicação dos fenômenos –, é a mitologia mais desenvolvida, apresentando-se no fim do processo evolutivo das “mitologias da natureza”. Ainda que o desiderato final de uma ciência madura seja a eliminação dessas mitologias, Mach reconhece que todo o processo de evolução da física foi feito à custa desse expediente. O uso de mitologias é lícito na pesquisa, desde que se mantenha a diligente atenção para não confundir o que é ficcional, com o referente empírico que a ficção ajuda a ordenar.

Signatário da concepção heurística de Mach, Freud estava avalizado quanto ao valor das mitologias na consolidação de seu campo de pesquisa e, portanto, recorreu à sua própria. Desse modo, assumiu, sem constrangimento, que a teoria das pulsões é a sua mitologia e, mesmo padecendo de grandiosa imprecisão, tal teoria é considerada fundamental para o desenvolvimento de sua ciência. Assoun (1983, p.91) afirma que o modo freudiano de conceber a prática científica repousa na pena de Ernst Mach. Freud assume – em franca filiação à plataforma epistemológica da Mach – o caráter incompleto e tateante das teorizações científicas e o quanto estas devem poder receber acréscimos e modificações, evitando qualquer tipo de dogmatismo. O uso de mitologias não é algo que impugna a cientificidade natural da psicanálise, ao invés, é algo que lhe assegura

---

<sup>29</sup> O estudo da epistemologia de Ernest Mach foi alvo de comentadores que se debruçam sobre o legado freudiano. O mais famoso deles é a obra de Assoun (1983). Temos também o livro de Leopoldo Fulgencio, *O método especulativo em Freud* (2008), especificamente em seu capítulo 3, onde o autor trata das concepções de ciência em Mach e Freud, além de seu importante artigo já mencionado acima *Convocação para a fundação de uma “Sociedade para a Filosofia Positivista”* (2000).

essa identidade. A metapsicologia é a grande fonte geradora de conceitos que não possuem realidade empírica e funcionam como ficções frutíferas para organizar os dados oriundos da clínica. Ou seja, a metapsicologia é, para Freud, uma ferramenta com alta capacidade explicativa. E, mesmo sendo um celeiro de conceitos ficcionais, lhe é imprescindível.

A partir das pesquisas de Assoun (1983) e Fulgencio (2008, 2000) resumimos os seguintes pontos da epistemologia heurística proposta por Ernest Mach e em seguida colocamos alguns comentários que mostram um paralelo com Freud:

1) A ciência usa determinadas convenções sem qualquer referente na realidade empírica, mas que lhe são bastante úteis porque aplicáveis ao material empírico manipulável. Estas convenções equivalem a especulações heurísticas cujo uso é avalizado pelo programa kantiano para as ciências. O maior exemplo de postulado freudiano é o seu conceito de aparelho psíquico, movido por forças pulsionais e sem qualquer referente anatômico-espacial. A natureza desta e outras formulações constitui uma convenção, ou seja, uma analogia conscientemente empregada por Freud para explicar o funcionamento do psiquismo humano em sua metapsicologia;

2) tais convenções são essencialmente imprecisas, por isso, têm natureza mítica, mitológica

3) toda ciência começa com conceitos imprecisos, nebulosos, até que progrida ao ponto de não mais precisar utilizar-se dessas convenções. Em *Um estudo autobiográfico* Freud (1996a, p.61) afirma que “a própria física, realmente, jamais teria feito qualquer progresso se tivesse tido de esperar até que os seus conceitos de matéria, força, gravitação, e assim por diante, houvessem alcançado o grau conveniente de clareza e precisão”.

4) essas convenções são substituíveis quando perdem sua utilidade. Ou seja, sua função é apenas heurística: serve para possibilitar a observação e descrição dos dados empíricos. Temos como exemplo destas convenções os conceitos de força, átomo, massa, etc. Na psicanálise, temos como exemplo de substituição no uso de convenções as mudanças na topografia do aparelho psíquico e na polaridade pulsional.

5) de todas as ciências, a física é a mais exemplar no uso deste recurso, pois se utiliza de postulados, hipóteses analógicas, características de uma convenção. Freud compara a sua ciência com a física quando necessita explicar a incognoscibilidade e provisoriedade de seus conceitos.

Se uma pergunta análoga tivesse sido feita a um físico (quanto à natureza da eletricidade, por exemplo), a resposta deste, até muito recentemente, teria sido: “Para o fim de explicar certos fenômenos, presumimos a existência de forças elétricas que estão presentes nas coisas e que delas emanam. Estudamos esses fenômenos, descobrimos as leis que os governam e até mesmo colocamo-los em uso prático. Isso nos satisfaz provisoriamente. Não conhecemos a natureza da eletricidade. Talvez possamos descobri-la mais tarde, na medida em que nosso trabalho progrida. [...]”. É simplesmente como as coisas acontecem nas ciências naturais. (FREUD, 1996j, p. 302)

Como nos lembra Assoun (1983, p. 66), toda vez que Freud pretende caracterizar sua ciência faz comparação com as ciências mais duras: física e química. Essa comparação consiste em dizer que não é só a sua ciência que se serve de conceitos imprecisos, as física e a química usam o mesmo expediente.

6) o “país do transcendente”, ou seja, o campo da especulação é um lugar perigoso, que se deve visitar com cuidado e provisoriamente, tendo em vista sempre priorizar os fatos empíricos. Numa passagem de *A interpretação dos sonhos*, Freud afirma que se deve fazer uso de convenções especulativas com a consciência de não tomar os andaimes (convenções) pelo edifício empírico da ciência psicanalítica (FREUD, 1996b, p. 567). Assoun (1983, p. 90), indica que a metáfora sobre o perigo do “país do transcendente”, tal como citada por Mach, é repetida por Freud como uma “incapacidade constitucional” para a abstração filosófica, como justificativa para recusar-se ir, em excesso, a uma viagem especulativa.

Quase todos os pontos elencados acima a respeito da epistemologia de Mach podem ser encontrados, nos mesmos termos, no início de *A pulsão e seus destinos* de Freud. A passagem parece resumir o essencial da epistemologia freudiana:

Ouvimos com frequência a afirmação de que as ciências devem ser estruturadas em conceitos básicos claros e bem definidos. De fato, **nenhuma ciência, nem mesmo a mais exata, começa com tais definições [claras de bem definidas]**. O verdadeiro início da atividade científica consiste antes na descrição dos fenômenos, passando então a seu agrupamento, sua classificação e sua correlação. Mesmo na fase de descrição não é possível evitar que se apliquem certas ideias abstratas ao material manipulado, ideias provenientes daqui e dali, mas por certo não apenas das novas observações. Tais ideias - que depois se tornarão os conceitos básicos da ciência - são ainda mais indispensáveis à medida que o material se torna mais elaborado. Devem, de início, possuir necessariamente certo grau de indefinição; não pode haver dúvida quanto a qualquer delimitação nítida de seu conteúdo. Enquanto permanecem nessa condição, chegamos a uma compreensão acerca de seu significado por meio de repetidas referências ao material de observação do qual parecem ter provindo, mas ao qual, de fato, foram impostas. Assim, rigorosamente falando, elas **são da natureza das convenções** - embora tudo dependa de não serem arbitrariamente escolhidas mas determinadas por terem relações significativas com o material empírico, relações que parecemos sentir antes de podermos reconhecê-las e determiná-las claramente. Só depois de uma investigação mais completa do campo de observação, somos capazes de formular seus conceitos científicos básicos com **exatidão progressivamente maior, modificando-os de forma a se tornarem úteis** e coerentes numa vasta área. Então, na realidade, talvez tenha chegado o momento de confiná-los em definições. O avanço do conhecimento, contudo, não tolera qualquer rigidez, inclusive em se tratando de definições. **A física proporciona excelente ilustração** da forma pela qual mesmo ‘conceitos básicos’, que tenham sido estabelecidos sob a forma de definições, estão sendo constantemente alterados em seu conteúdo.

Um **conceito básico convencional** dessa espécie [de uma convenção], que **no momento ainda é algo obscuro**, mas que nos é indispensável na psicologia, é o de um ‘instinto’ [pulsão]. Tentemos dar-lhe um conteúdo, abordando-o de diferentes ângulos. (FREUD, 1996d, p. 123) [destaques nosso]

Nota-se que o tipo de conceituação que na física foi convencionada como “força”, na psicanálise equivale a “pulsão” (que, não à toa, é uma força). No trecho acima é possível perceber a clara presença de pressupostos epistemológicos de Mach. Assoun nos alerta que, ao percorrer a obra *Conhecimento e erro* de Mach, especialmente o primeiro capítulo, o leitor familiarizado com o texto freudiano perceberá “não somente parentesco”, mas “verdadeira repetição, até mesmo literal” feita por Freud, o que torna a obra em comento a fonte na qual o pai da psicanálise buscou, “uma parte considerável de seu pequeno capital epistemológico”. (ASSOUN, 1983, p. 87). Ainda segundo Assoun (1983, p. 87), esse tipo de “importação” literal do modelo epistemológico de Mach parece portar uma chave histórica para a contextualização do projeto freudiano de ciência. Foi o que tentamos mostrar.

Além da clara herança epistemológica de Mach, Freud também se serviu de analogias do tipo “como se” – sistematizadas e aprofundadas pelo famoso neokantiano Hanns Vaihinger em sua obra *Filosofia do como se*<sup>30</sup> – para postular o conceito de aparelho psíquico. O aparelho psíquico, conforme vimos, não é espacial, nem é propriamente um aparelho: é *como se* fosse um aparelho, ou seja, um esquema analógico. Essas e outras analogias em número extenso estão presentes nos textos freudianos, contudo, o uso de analogias não é despropositado ou representa um traço literário da escrita freudiana, mas serve a um propósito metodológico maior.<sup>31</sup>

Em sua filosofia – construída a partir do estudo atento da *Crítica da razão pura* de Kant – Vaihinger postula que o modo “*como se*”, mais do que uma forma de falar, constitui um *método* eficaz para o conhecimento de forma geral.<sup>32</sup> Na obra *Filosofia do como se* o autor indica um grande número de ficções, utilizadas tanto nas ciências quanto na filosofia e na religião<sup>33</sup>. Freud parece ter se utilizado, na construção de sua metapsicologia, apenas de *ficções simbólicas ou analógicas* e de *ficções heurísticas*. Mas a questão que nos interessa aqui é: até que ponto a filosofia neokantiana, especialmente a de Vaihinger, influenciou o pensamento de Freud?<sup>34</sup>

<sup>30</sup> Na citada obra Vaihinger defende um ponto de vista filosófico referido a práticas de pesquisa em algumas áreas. O título completo da obra é: *Filosofia do como se. Sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, sobre a base de um positivismo idealista* (2011). Doravante será citada abreviadamente como *Filosofia do como se*.

<sup>31</sup> Fulgencio (2008, p. 353) comenta que, ao lermos as obras de Freud, “salta aos olhos a presença constante de analogias, comparações e metáforas, propostas como meio para a apresentação e construção da [sua] teoria”. As analogias utilizadas são tão numerosas que Ercheverry elaborou um “Índice de analogias” para a edição das obras completas de Freud (FULGENCIO, 2008, p. 354). Ercheverry chega a afirmar que o uso de analogias e comparações “era uma das características de seu estilo literário” (ERCHEVERRY, 1988 *apud* FULGENCIO, 2008, p. 355). Para Fulgencio (2008, p. 355), contudo, o uso de analogias corresponde a uma postura metodológica e não a um estilo literário de Freud.

<sup>32</sup> Na *Crítica da razão pura* de Kant menciona algumas passagens do uso do “como se” autorizando o uso de especulações. Ver, por exemplo, a passagem B 700 da *Crítica da razão pura*, onde Kant usa uma analogia do espírito *como se* fosse uma substância simples.

<sup>33</sup> Os tipos de ficções presentes na citada obra de Vaihinger são as seguintes: ficções abstrativas ou negligenciadoras (cap. II); ficções esquemáticas, paradigmáticas, utópicas e típicas (cap. III); ficções simbólicas ou analógicas (cap. IV); jurídicas (cap. V); personificadas (cap. VI); somatórias (cap. VII); heurísticas (cap. VIII); práticas ou éticas (cap. IX).

<sup>34</sup> Segundo Fulgencio (2008, p. 379), o pai da psicanálise chegou a citar Vaihinger diretamente em duas de suas obras: *A questão da análise leiga*, de 1926, e *O futuro de uma ilusão*, de 1927.

Para Vaihinger (2011, p. 7), o engenho humano recorre a conceitos auxiliares como instrumentos oportunos para a pesquisa, mesmo sabendo de sua falsidade e contradições. Enquanto construções auxiliares, as ficções ajudam o cientista a trabalhar com fenômenos complexos no campo empírico. O objetivo da ciência, especialmente a física, “é facilitar, com ajuda dessa ficção, a apresentação dos fenômenos mais complexos” (VAIHINGER, 2011, p. 137). Estes conceitos auxiliares ficcionais se mostram muito úteis para o avanço do conhecimento, pois, para Vaihinger (2011, p. 151), “todo conhecimento, desde que não se limite a identificar a sucessão e a coexistência factual, não pode ser senão analógico”. Ainda sobre o conhecimento, discorre:

Todo conhecimento é apercepção<sup>35</sup> de algo através de algo outro. Portanto, na compreensão, uma analogia é sempre operada. E não podemos ver como compreender o ser se não for desta forma. Quem conhece o mecanismo do pensamento sabe que *toda compreensão e todo conhecimento se fundam em apercepções analógicas*. [...] a compreensão do mundo é totalmente impossível [...] porque todo compreender só opera por via de categorias, e estas, em última instância, não representam senão apercepções analógicas. (VAIHINGER, 2011, p. 151-152). [Os destaques são nossos]

É possível notar, na citação acima, uma clara influência kantiana na imposição de limites ao conhecimento. Para Vaihinger, como não temos acesso direto ao *ser em si* das coisas e do mundo, só compreendemos e conhecemos por meio de analogias, pois todo conhecimento se dá via categorias. Essas categorias, segundo o neokantiano, são ficções analógicas. Ora, sendo ficções analógicas, é factível dizer que o homem só conhece e compreende por meio de analogias. Segundo Vaihinger (2011, p. 19), o cientista que deseja conhecer e compreender o mundo deve se servir de constructos auxiliares, sem qualquer valor de verdade e com estatuto de ficção, embora úteis. Os cientistas devem operar com elas conscientemente se não quiserem cair num dogmatismo cego.

[...] à medida que as categorias são consideradas sob o ponto de vista das *ficções analógicas*, toda a teoria epistemológica recebe outra veste. Assim, elas são desvendadas como meras construções de representação, estando a serviço da apercepção do que é dado. Coisas que possuem qualidades, causas que produzem efeitos são mitos.

Pode-se dizer apenas que os fenômenos objetivos se deixam analisar *como se* eles se comportassem desta maneira; mas não se justifica assumir aqui posição dogmática e transformar o *como se* em “que” (VAIHINGER, 2011, p. 153-154).

Se atentarmos para a maneira como Freud concebe a máquina psíquica poderemos localizar a herança neokantiana da filosofia do *como se* de Hans Vaihinger. No texto *A máquina no homem*, Loparic (2005) examina

---

<sup>35</sup> Embora o conceito de apercepção estivesse presente já em Leibniz e Wolf, Kant distingue dois tipos de apercepções: as empíricas e as *puras*. Segundo Kant (2001, A 107, p. 173): a “condição originária e transcendental não é outra que a apercepção transcendental. A consciência de si mesmo, segundo as determinações do nosso estado na percepção interna, é meramente empírica, sempre mutável, não pode dar-se nenhum eu fixo ou permanente neste rio de fenômenos internos e é chamada habitualmente *sentido interno* ou *apercepção empírica*.”.

a presença desta herança que autoriza a Freud a fazer comparações e analogias para descrever um objeto que não é passível de observação direta. Vimos que, ao falar do aparelho psíquico, o pai da psicanálise o compara a um telescópio ou microscópio, mas nos adverte que a sua máquina não tem referente empírico, anatômico. O que significa dizer que Freud não afirma que exista máquina no homem, apenas postula que seu psiquismo funcione *como se* fosse uma máquina.<sup>36</sup> Freud também se ancora, ainda segundo Loparic (2005, p.245), na metodologia convencionalista, também de origem kantiana e muito difundida entre os cientistas de língua alemã. Segundo tal metodologia, a ciência pode lançar mão de convenções teóricas que não encontram referentes empíricos, mas que são profícuas na organização de dados observáveis.

Da mesma forma que Mach, Vaihinger entende que a formulação de conceitos segue a metodologia convencionalista, ou seja, entende que, ao formular conceitos, o cientista recorre a ficções teóricas, a construções auxiliares, que apesar de padecerem da pedra de toque da experiência são frutíferas para organizar e relacionar dados da experiência. Como vimos, esses recursos metodológicos são utilizados conscientemente pelo pai da psicanálise. Freud, ao conceber o psiquismo *como se* fosse um aparelho análogo a telescópicos, microscópicos e ao postular a existência de uma força (pulsão) a mover esta máquina psíquica, faz isso sendo avalizado pelo programa kantiano para as ciências da natureza e pelas formulações posteriores de E. Mach e H. Vaihinger.

### **Considerações finais**

Em sua obra *Seminários de Zollikon* Heidegger (2009, p.247) afirma que a metapsicologia freudiana foi erguida sob a tutela procedimental das ciências naturais e da filosofia neokantiana. Apesar de categórica, esta afirmação não é exaustivamente examinada na referida obra, que é composta por atas das aulas proferidas por Heidegger, diálogos e cartas trocadas com o psiquiatra suíço Medard Boss. Nosso objetivo nesse artigo consistiu em examinar este posicionamento heideggeriano e buscar seus fundamentos, já que se trata de um posicionamento diferente de muitos comentadores da psicanálise.

A busca incessante de Freud pelo reconhecimento de sua ciência como uma ciência tão segura como as demais ciências naturais, manteve-o afinado ao modelo procedimental imperante nas formulações oriundas da física e da química. A utilização de convenções, analogias e ficções heurísticas na construção de sua teoria metapsicológica atestam esta influência, afinal, vimos estes são recursos cujos avalistas são proeminentes epistemólogos do fim do Séc. XIX e início do XX. Ao interpelar o psiquismo em analogia com máquinas, regidas por forças de natureza meramente especulativa e determinada por princípios semelhantes àqueles ditados pela termodinâmica, Freud estava se servindo do espólio epistemológico de seu tempo. Sua

---

<sup>36</sup> Sobre esse assunto ver Loparic, 2005 e Ribeiro, 2014

metapsicologia nada teria de pseudocientífica ou não-científica, afinal, foi construída utilizando os mesmo recursos “mitológicos”, “convencionalistas” e “analógicos” utilizados para a produção de conceitos como força, massa, átomo, etc. Os conceitos metapsicológicos de “aparelho psíquico” “pulsão”, “inconsciente” foram construídos sem almejar uma ruptura com o modelo científico-natural. Estas especulações foram erguidas em afinidade com a autoridade epistemológica do físico Ernest Mach e do programa kantiano para a ciência da natureza, aperfeiçoado pelo neokantiano Hans Vaihinger.

Concluimos nosso artigo entendendo que o exame da teoria metapsicológica, especialmente dos conceitos de aparelho psíquico e pulsão, nos mostrou que a indicação dada por Heidegger nos *Seminários de Zollikon* – de que tal teoria foi construída sobre um solo ontológico marcado pela filosofia neokantiana e pelo modelo procedimental das ciências naturais – tem fundamento e encontra ressonância em leituras de epistemólogos da psicanálise.

### Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. “Analíticos posteriores”. In: **Órganon**. Tradução, textos adicionais e notas de Edson Bini. 2. ed. Baurú, SP: Edipro, 2010.
- ASSOUN, P. **Introdução à epistemologia freudiana**. Tradução Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BLEICHER, J. **Hermenêutica contemporânea**. Lisboa: Edições 70, 1980
- CHALMERS, A. F. **O que é a ciência, afinal?**. Tradução de Raul Filker. Editora Brasiliense, 1993.
- DESCARTES, R. **Discurso do Método**. Tradução: J. Guinsburg e Bento Prado Jr. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983
- DUBOIS, Christian. **Heidegger**: Introdução a uma leitura. Tradução de Bernardo Barros Coelho de Oliveira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FREUD, Sigmund. “Um estudo autobiográfico”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996a. Vol. XX.
- FREUD, Sigmund. “A interpretação dos sonhos, Vol. II”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996b. Vol. V.
- FREUD, Sigmund. “Esboço de psicanálise”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996c. Vol. XXIII.
- FREUD, Sigmund. “A pulsão e seus destinos”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996d. Vol. XIV.
- FREUD, Sigmund. “Além do princípio de prazer”. In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996e Vol. XVIII.



- FREUD, Sigmund. "Por que a guerra?". In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: Imago Editora, 1996h. Vol. XXII.
- FREUD, Sigmund. "Ansiedade e vida pulsional. In: Novas Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise; Conferência XXXII". In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996i Vol. XXII
- FREUD, Sigmund. "Algumas lições elementares de psicanálise". In: **Edição Standart brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996j. Vol. XXIII.
- FREUD, S. "O Inconsciente". In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Luiz Alberto Hanns. – Rio de Janeiro: Imago Editora. Vol. II, pp.14 - 74, 2006
- FULGENCIO, Leopoldo. "Convocação para a fundação de uma 'Sociedade para a Filosofia Positivista'". Revista: **Natureza humana**, vol.2, n.2, 2000.
- FULGENCIO, L. "As especulações metapsicológicas de Freud" in: **Natureza Humana**. São Paulo: EDUC, vol. 5.n 1, 2003.
- FULGENCIO, Leopoldo. **O método especulativo em Freud**. 1. ed. São Paulo: EDUC, 2008.
- GARCIA-ROZA, Luiz A. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- GARCIA-ROZA, Luiz A. **Introdução à metapsicologia freudiana, v. 1**: sobre as afasias (1891): O projeto de 1895. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008a.
- GARCIA-ROZA, Luiz A. **Introdução à metapsicologia freudiana, v. 2**: A interpretação do sonho, 1900. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008b.
- GARCIA-ROZA, Luiz A. **Introdução à metapsicologia freudiana, v. 3**: Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008c.
- GINGRICH, F. W. **Léxico do Novo Testamento grego-português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. 1.ed. São Paulo: Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, 1984.
- HANNS, Luiz A. **Dicionário comentado de alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**. Tradução de Gabriella Arnhold e Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: EDUC; Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- HEIDEGGER, M. **Nietzsche II**. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007
- HEIDEGGER, M. "Ciência e pensamento do sentido". In: **Ensaio e Conferências**. Tradução Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia de Sá Cavalcante Schuback. 3. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2006
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KANT, Immanuel. **Princípios metafísicos da ciência da natureza**. Tradução de Artur Morão. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- LAPLANCHE, J; PONTALIS. J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- LOPARIC, Zeljko. "Além do Inconsciente - sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise". In: **Natureza Humana** - Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise. São Paulo: EDUC, vol. 3, n 1, 2001.
- LOPARIC, Zeljko. "De Kant a Freud: um roteiro". In: **Natureza humana**. São Paulo, v. 5, n. 1, jan-jun. 2003.

- LOPARIC, Z. “A máquina no Homem” in: FULGENCIO, L. e SIMANKE, R. (org). **Freud na Filosofia Brasileira**. São Paulo: Escuta, 2005
- MACH, E. **La connaissance et l'erreur**. Traduction: Marcel Dufour. Paris: Ernest Flammarion, 1919.
- MONZANI, Luiz Roberto. **Freud o movimento de um pensamento**. 2. ed. São Paulo: Editora UNICAMP, 1989.
- POPPER, K. **Conjecturas e refutações**. Tradução: Sérgio Bath. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994
- RIBEIRO, C. V. “Freud se encaixaria no rol dos operários (Handwerker) das ciências naturais? Considerações heideggerianas acerca da psicanálise freudiana.’ In: **Aprender: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**. Vitória da Conquista: Edições UESB, v. 10, 2008
- RIBEIRO, C. V. Freud e o Methodenstreit: um debate a partir dos 'Seminários de Zollikon'. In: **Diálogos Possíveis** (FSBA), v. 13, 2014.
- SILVA, M. R; PAULINO, L. R. P. Skinner e uma crítica a Freud: apresentação e considerações. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 144-155, 2011.
- RICOEUR, P. **Da interpretação: ensaio sobre Freud**. Rio de janeiro: Imago Editora, 1977.
- VAIHINGER, Hans. **A filosofia do como se**: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista. Tradução de Johannes Kretschmer. 1 ed. Chapecó: Argos, 2011.